

Joaquim Manuel de Macedo como folhetinista panfletário: uma leitura de *A carteira de meu tio*

A Adriano de Paula Rabelo

Profa. Dra. Ana Luiza Reis Bedê¹ (USP)

Resumo:

O precursor do romance urbano no Brasil foi estigmatizado por várias gerações de críticos que o consideravam um criador de intrigas ingênuas para atender ao gosto das leitoras ávidas de histórias sentimentais. Joaquim Manuel de Macedo desenvolveu, porém, uma intensa crítica política e social a partir de 1867. Nesse veio, situa-se o folhetim “A carteira de meu tio”, obra na qual Macedo condena a irresponsabilidade do homem público e o total desrespeito à Constituição de 1824. Nessa “crônica romanceada”, para empregarmos a expressão de Tânia Serra, Macedo não faz crítica partidária como acusou José Veríssimo, mas um contundente libelo contra a corrupção, a concussão e a tirania do poder judiciário.

Palavras-chave: Joaquim Manuel de Macedo, Romantismo, folhetim, romance, crônica

1 Os dois Macedos

Joaquim Manuel de Macedo é considerado um dos melhores retratistas do cotidiano da pequena burguesia durante o Segundo Reinado, mas sua aura de escritor de segunda plana desencorajou a leitura de outras obras. Afinal, trata-se de um autor folhetinesco para mocinhas bem comportadas do século XIX, ávidas de aventuras e suspenses, e dispensaria maior aprofundamento.

A carteira de meu tio, no entanto, revela-nos uma faceta notável do autor, mas pouco conhecida: o contundente analista da política do Segundo Império. Como veremos, seja pela ironia, seja pelo humor cáustico, suas críticas revelam a aguda perspicácia de um autor que conheceu o poder de perto.

Pouco se escreveu a respeito do conjunto da obra de Joaquim Manuel de Macedo. Durante décadas, os estudos conhecidos contemplaram, em geral, apenas uma faceta do autor: divulgou-se, assim, uma opinião desabonadora sobre a qualidade de seus textos. De fato, os mais respeitados historiadores e críticos de nossa literatura propagam em uníssono a mediocridade do legado macediano e, quando muito, reconhecem seu valor como retratista de uma época, um observador dos costumes fluminenses dos anos quarenta e cinquenta do século XIX.

Encabeça a fileira dos críticos, José Veríssimo com sua proverbial franqueza. Segundo Tânia Serra, especialista da obra macediana, a severidade de Veríssimo foi responsável por muitas idéias feitas sobre o escritor itaboraense. Joaquim Nabuco taxa-o de banal, enquanto Sílvio Romero contribui para o ostracismo ao qual foi relegado Macedo, ao omitir o nome do romancista na primeira edição de sua *História da Literatura Brasileira* (1888). Ronald de Carvalho, por sua vez, na sua conhecida *Pequena história da literatura brasileira* (1925), parece confundir crítica com maledicência. De forma menos radical que seus pares, Antônio Soares Amora realça a faceta do Macedo folhetinista.

Representando um outro momento da nossa historiografia, preocupado em aliar estética às questões sociais, Antônio Candido, na esteira de Veríssimo, aponta a comodidade, a despreocupação com a técnica, o fraco sentimento de beleza e o realismo estreito do autor de *Dois*

Amores. Discorrendo sobre a escassa densidade das personagens macedianas, nosso maior crítico incorre na injustiça de ressaltar apenas aspectos negativos.

Veremos, resumidamente, alguns autores que não se limitaram à primeira parte da obra de Macedo. Brito Broca, por exemplo, que não se rende às leituras convencionais, enxerga na prosa macediana mais que uma diversão para donzelas. Considera *A Luneta Mágica* (1869) uma obra original e aponta mesmo certa filiação ao conto filosófico do século XVIII. Destacamos ainda a contribuição de Temístocles Linhares.

Há um estudo de grande fôlego sobre esse capítulo de nossa literatura - a tese *Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos: A luneta mágica do II Reinado* - de Tânia Costa Rebelo Serra, publicada em livro em 1994. Tânia Serra debruçou-se sobre todos os livros do autor. A pesquisadora aponta as prováveis influências do escritor carioca, situa-o no cenário de seu tempo, ajuda-nos a entender, enfim, a recepção excelente de algumas obras e o fracasso editorial de outras. A contribuição desse trabalho aos estudos macedianos foi decisiva graças à extensão do corpus examinado e à relevância dos temas abordados.

O carro-chefe de sua análise consiste em mostrar o contraste entre as duas fases do autor, a primeira, caracterizada pelas histórias de intrigas amorosas e pelo sentimentalismo. Posteriormente, o autor dá vazão a seu engajamento, a sua afiada consciência política. A ironia, já presente antes, aflora com mais força. O Macedo “dos adultos” (1867 em diante), segundo Serra, faz inovações estilísticas como o tom jocoso, as digressões e o abandono da linguagem excessivamente adjetivada. Essa etapa é a mais apreciada pelos conhecedores de sua obra, contrariando, porém, as expectativas de seus leitores habituais. O Macedo “dos adultos” seria um escritor de vanguarda para o tempo, tanto nas questões ideológicas, quanto no plano estritamente formal.

2 A veia cômica de Macedo

É indispensável fazer um resumo da fábula de *A carteira de meu tio*. Trata-se da história de um jovem que volta ao Brasil após uma longa estada na Europa. Em sua temporada no exterior, patrocinada pelo tio, os livros foram substituídos pelas noitadas. Ao retornar, o protagonista pretende continuar sua vida de *bon vivant* às expensas do parente. Como, porém, cumpre-lhe escolher uma profissão, decide-se pela política, por parecer-lhe a menos trabalhosa. O tio aprova-o, afinal ele possui as qualidades necessárias para tornar-se bom político: é impostor e atrevido.

O sobrinho viaja num **pangaré** pelo interior do país a fim de conhecer melhor nossa terra. Dessa forma, seria capaz de encontrar as soluções adequadas para os problemas brasileiros. Leva em sua bagagem a carteira que lhe presenteara o tio para anotar suas impressões, além da **defunta**, ou seja, a Constituição Imperial de 1824, a qual é apresentada ao leitor como: “/.../ um poema em oito cantos, contendo 169 estrofes de metrficação variada, e, como todas as composições poéticas e de literatura amena, serve bastante para entretenimento das horas vagas.” (MACEDO, 1995, p. 97).

Ao longo de sua viagem pelas precárias estradas da província do Rio de Janeiro, o protagonista conhece Paciência, um compadre que o tio encarregara de acompanhá-lo. Com seu novo interlocutor, o sobrinho discorre sobre a incompetência dos políticos, a cobrança dos altos impostos e a alienação do povo.

Na maior parte da narrativa, os dois viajantes são os únicos personagens, até encontrarem uma pousada, cujo patrão responde pelo nome de Constante. Tal alcunha deve-se ao seu oportunismo, sempre do lado do poder: o estalajadeiro apoiava o partido da situação. O sobrinho discorda das idéias defendidas por Constante a fim de pregar-lhe uma peça. Como consequência, ele e o companheiro são mal tratados. Para conquistar a hospitalidade do adversário político, nosso protagonista muda de opinião de forma radical e o resultado foi compensador.

Após essa passagem, o sobrinho e Constante recomeçam a viagem, o sobrinho conta ao compadre a visão apocalíptica sobre o **progresso material** defendido por Constante e pede uma

explicação. Durante a conversa, insistem sobre a corrupção, a concussão, o despotismo da polícia, a impunidade dos **ricos potentados eleitorais** que trucidam os pobres, o patronato e o espírito de afilhadagem, além do total desrespeito aos direitos individuais.

Durante a visita pela vila, o sobrinho e seu compadre terão oportunidade de discutir sobre as condições precárias da cadeia e sobre o contraste entre as leis e o que de fato acontecia. Ambos se revoltam contra os ministros que revogam a Constituição ao seu bel prazer.

Finalmente, vão ao local onde haveria uma sessão de júri que acabou não sendo realizada devido ao número insuficiente de jurados. Segue-se um debate entre Paciência e um escrivão sobre os prós e os contras do júri. Nessa discussão conhecemos as injustiças cometidas pela ignorância e pela corrupção. Paciência defende a “santa instituição do júri”, ao mesmo tempo em que ataca o governo com tal fúria que acaba sendo preso.

O narrador, então, vê-se obrigado a “tocar os pauzinhos” para tirar o compadre da cadeia e assim, com a viagem interrompida, termina o livro. No último parágrafo, lemos:

E enquanto o pássaro não sai da gaiola, tratarei de ver se engordo o ruço-queimado e a mula ruça do meu compadre, para continuar em breve e menos vagarosamente esta importantíssima viagem, e encher com observações novas a Carteira de meu tio. (IDEM, p. 197).

Ao longo desses episódios, divididos em quatro capítulos, o narrador faz algumas digressões nas quais reprova com veemência os políticos. As críticas são em geral diretas e transparentes não exigindo, assim, grande esforço de interpretação do leitor para descobrir os alvos do protagonista. Isso resulta, sem dúvida, do veículo no qual o texto é publicado.

3 Título e *Incipit*

O título exerce um apelo ao leitor e sua presença supõe a existência de alguém para quem o mesmo é destinado e serve como um guia, um *mode d'emploi*. De fato, quando nos deparamos com *A carteira de meu tio* no frontispício de um livro ou no rodapé de um jornal, intuímos que o texto pertence ao gênero satírico. Por quê?

Primeiro por destacar o substantivo **carteira** que evoca tanto o objeto para guardar dinheiro e documentos quanto uma caderneta de anotações. Além disso, como complemento nominal, em vez de um nome próprio para designar o proprietário, indica-se um grau de parentesco: **de meu tio**. Convenhamos, não deixa de ser um título chamativo, isto é, uma típica técnica folhetinesca.

Após o título, o início de um texto literário ou *incipit* assume grande importância em uma história pois deve despertar a vontade de continuar a leitura. No caso específico de um conto ou romance, ele é essencial pela necessidade de seduzir o leitor. Caso não haja simpatia por parte deste, a obra pode ser abandonada prematuramente.

Veremos, então, quais os recursos utilizados por Macedo para **ajudar o leitor** a transpor o abismo entre a vida real e o mundo fictício. Logo no primeiro parágrafo da “introdução et cetera”, lemos:

Eu...

Bravo! Bem começado! Com razão se diz que- pelo dedo se conhece o gigante! Principiei tratando logo da minha pessoa; e o mais é que dei no vinte; porque a regra da época ensina que- cada um trate de si de tudo e de todos.

(MACEDO, 1995, p.23).

No início de um romance (ou conto), o leitor procura instintivamente as respostas às perguntas: Quem? Onde? Quando? Ora, o foco narrativo em 1ª pessoa (já sugerido pelo título)

evidencia-se logo no início. O fato do narrador contar sua própria história, contribui, num certo sentido, para conquistar a cumplicidade do leitor.

Ao iniciar seu **romance** com o pronome pessoal **EU**, o narrador sinaliza um dos principais aspectos discutidos no texto, isto é, o individualismo. Toda a ação posterior, bem como as inúmeras digressões têm como fio condutor a hipocrisia do homem público que pensa em si em primeiro lugar. A propósito, Tânia Serra estabelece um paralelo entre a astúcia do sobrinho e a conhecida “Lei de Gerson” dos idos dos anos setenta do século passado.

O narrador comenta, em seguida, o ato de escrever: “Bem começado! e “Principiei tratando da minha pessoa (...)”. O tom burlesco desta constatação óbvia será o *leitmotiv* ao longo da narrativa.

Sugestivos são os apelidos das personagens como o **compadre Paciência** e o **Sr. Constante** (apoiava o governo que estivesse na situação), havia ainda o **Sr. Engodo** (paladino do progresso material). Tais epítetos reforçam a tendência aos tipos ou caricaturas.

Nota-se, ainda, a linguagem informal, cuja oralidade não raro revelava alguns cochilos de gramática. Outro dado relevante é o desejo manifesto de explicar tudo o que escreve. A propósito, Umberto Eco caracteriza a obra literária como uma máquina preguiçosa: cabe ao leitor preencher os **vazios do texto**. O excesso de explicações caracteriza a função didática, enquanto a função estética supõe uma maior participação do leitor.

Em *A carteira de meu tio*, não há a expectativa de um leitor-modelo capaz de inventar e criar a partir de pistas deixadas pelo texto. Ao contrário, o narrador o conduz, não deixa praticamente margem às ambigüidades. Tal estratégia folhetinesca empobrece a obra e justifica em parte algumas críticas ao autor.

Várias vezes o narrador ressalta que o egoísmo, a busca do próprio enriquecimento ou conforto escondem -se atrás de belas palavras. Muitas dessas repetições podem ser atribuídas também ao “estufamento”, conhecida técnica folhetinesca.

Há, todavia, alusões históricas sem explicações, presumimos que seriam facilmente identificáveis pelo leitor da época. Por exemplo, ainda na introdução, lemos:

(....) Sou, portanto, *o sobrinho do meu tio*, e tenho dito: na atualidade já não é qualquer coisa ser um homem sobrinho de seu tio: e se não, que responda uma das primeiras nações do mundo, porque se entregou amarrada de pés e mãos a um *senhor* só e simplesmente por *ser sobrinho de seu tio* (IDEM, p. 26).

Para um leitor desavisado do século XXI, pode ser útil a nota do editor sobre essa passagem: “Refere-se à França do Segundo Império (1852-1870), um período de prosperidade material e de desenvolvimento da indústria e do comércio, sob Napoleão III, sobrinho de Napoleão Bonaparte.” (IDEM, p.26).

Os aspectos apontados: crítica ao individualismo, excesso explicativo (caráter didático) e linguagem coloquial caracterizam toda a narrativa, daí a importância de estudarmos o *incipit*. Neste, são, em geral, sumarizadas as características da obra como um todo.

A pena corisiva de Macedo

Por que Macedo resolveu apostar em crônicas sobre o maquiavelismo em várias esferas do poder na cidade do Rio de Janeiro? Tanto Flora Süssekind quanto Tânia Serra apontam o ingresso na carreira parlamentar como possível motivação para retratar os bastidores da política nacional.

Em 1854, o escritor obtém uma cadeira na Assembléia Provincial do Rio de Janeiro. De fato, o “sobrinho” conhece a fundo os percalços que envolvem as disputas por altos cargos, vendo

de perto como um grupo elitista revezava-se no poder perpetuando o apadrinhamento e a troca de favores.

Quando redigiu *Memórias do sobrinho do meu tio* (1866-67), continuação de *A carteira*, Macedo encontrava-se em pleno exercício de seu mandato, o que reforça a estreita ligação dessas obras com uma etapa da vida do escritor. Nosso autor, no entanto, também seguia um dos carros-chefe da literatura oitocentista brasileira: a sátira política. Ora, lembremos da presença numerosa em nossa literatura de personagens que ingressam no funcionalismo ou na política graças ao apadrinhamento como em *Memórias de um sargento de milícias*.

Muitos contos de Machado apresentam o típico funcionário. Em “A cartomante”, por exemplo, Camilo, pouco ambicioso, obtém um emprego público graças à mãe. No século XX, conheceremos uma imensa galeria de personagens representando funcionários e políticos arrivistas. Basta nos voltarmos para os contos de Monteiro Lobato e Lima Barreto, entre outros.

A carteira de meu tio inclui-se, ou melhor, antecipa-se às peças da linhagem de *Como se fazia um deputado* (1882), de França Júnior, *Hoje sou um; e amanhã outro* de Qorpo Santo e *Quase Ministro* de Machado de Assis.

Nessa “crônica romanceada”, para empregarmos a expressão de Tânia Serra, Macedo não faz crítica partidária como acusou José Veríssimo, mas um contundente libelo contra a corrupção, a concussão e a tirania do poder judiciário. Não por acaso Wilson Martins classifica a obra de “panfleto político devastador”.

Dalmo Barreto, durante discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1975, comenta o “esquecimento” dessa obra:

(...) Esses ferozes críticos muitas vezes chegam a ser contraditórios, pois apesar das restrições, não negam sua qualidade de “atilado cronista dos costumes cariocas” ou ainda, que é hoje “dos nossos romancistas mais lidos, se bem que às escondidas e em segredo.”

Nunca vimos tanta contradição e tanto despautério. Estamos convencidos que eles não leram a obra de Macedo e se o fizeram, fizeram-no por certo superficialmente, premeditadamente escolhendo os defeitos e as faltas, desprezando o que de bom teve para oferecer e não alcançaram sua mensagem (SERRA, Op.cit , p. 352)

Apesar do tom laudatório empregado pelo articulista, concordamos que a **mensagem** do autor foi subestimada ou simplesmente ignorada. Fica patente que Macedo manifestou-se contra o poder do dinheiro, contra o **progresso material** acompanhado da decadência política e moral.

Periódicos de diversas tendências aderiram ao folhetim. Interessa-nos destacar aqui *A Marmota Fluminense*, revista de Paula Brito editada bimestralmente, na qual foram lançados escritores iniciantes como Teixeira e Sousa, Juvenal Galeno e Machado de Assis. Foi em *A Marmota* que Macedo publicou inicialmente *A carteira de meu tio* entre janeiro e março de 1885. O livro apareceu no mesmo ano na Tipografia Dous de Dezembro.

O editor Paula Brito desempenhou um papel fundamental não apenas por lançar jovens talentos, mas também por transformar sua livraria em ponto de reuniões de escritores e políticos. Entre eles, Machado de Assis, Bernardo Guimarães, Casimiro de Abreu, Bruno Seabra, Araújo Porto Alegre e Joaquim Manuel de Macedo.

Comentamos mais de uma vez que *A Carteira de meu tio* foi um libelo contra a corrupção, o desrespeito às leis e à prática do apadrinhamento. Nessa obra, no entanto, também lemos em filigrana um ataque à divisão de classes. Durante o misto de visão e pesadelo do sobrinho, um dos trechos mais contundentes da obra, lemos:

(...) Vi a imprudência de pé, o servilismo de cócoras, o mérito atirado nos cantos.

Vi a imoralidade política vestida de casaca, e a honra coberta de farrapos.

Vi a corrupção armada de uma espada de ouro espatifando grandes bandeiras, e muitos dos defensores desta correndo pela porta adentro de uma confeitaria, onde trocavam as insígnias das cortes por pedaços de pão-de-ló.

Vi o predomínio do individualismo substituindo a luta dos princípios e o poder das idéias.

Vi pessoas e não vi sistema.

Vi a mentira e o sofisma abafando a verdade e triunfando da lógica.

Vi a opulência em um círculo limitadíssimo, e a miséria na multidão.

Vi a prepotência dos grandes e a opressão dos pequenos (...) (MACEDO, 1995, p. 136).

É difícil reconhecer nessa passagem o conformado Dr. Macedinho da **tradição carinhosa**. A *carteira de meu tio* não atingiu seu objetivo precípua: agradar ao público. Revela, porém, uma faceta desconhecida do autor, cujo estudo contribui para mitigar algumas idéias feitas sobre o romantismo brasileiro. O **Macedo das mocinhas** transformou-se aos poucos em um autor engajado *malgré-lui*.

Conclusão

Quando o folhetim, gênero oriundo das necessidades financeiras de revistas e jornais, surge em cena, não faltaram reações indignadas de todos os cantos. Sainte-Beuve publicou na *Revue des Deux Mondes*, o artigo “De la littérature industrielle” no qual lamenta a industrialização da literatura, isto é, a generalização de obras escritas com finalidades lucrativas.

Sabemos que até o final do século XVIII, mesmo Voltaire, conhecido também como hábil e abastado homem de negócios, ficaria escandalizado com a idéia de transformar a arte em mercadoria.

A polêmica sobre a massificação da cultura como uma ameaça à grande arte continua acesa. Debates sobre essas questões continuarão a opor críticos de diferentes orientações e devem receber cada vez maior espaço no meio acadêmico.

É indispensável manter as discussões sobre o conflito entre os meios de difusão cultural e o discurso literário ficcional. No caso específico do nosso trabalho, ressaltamos a importância de estudar com mais profundidade o **indigitado, perigoso e nefando folhetim**, para dizer com Marlyse Meyer.

A escolha do autor Joaquim Manuel de Macedo pareceu-nos produtiva para amadurecer algumas idéias sobre estilo, gosto e contaminação de gêneros. A **crônica romanceada** *A carteira de meu tio* revelou-se como texto privilegiado para refletirmos sobre as explicações excessivas e redundantes, a função da oralidade e a sátira política. Macedo pagou um preço alto para tentar um novo rumo para a sua obra. A expectativa do público, ainda ávido de pura fantasia e evasão, volta-se para o folhetim-folhetinesco e não para as obras de caráter panfletário.

Apesar da tímida recepção de *A carteira* entre seus contemporâneos, para o estudioso de hoje, essa obra desfruta mais do que um interesse documental. De fato, as citações e as alusões estrangeiras, o humor que varia da chacota à ironia, além das longas digressões sobre os interesses dissimulados, conferem a Macedo um certo caráter inovador. Não por acaso, Machado de Assis, que freqüentou assiduamente os romances, os dramas e as comédias de seu predecessor, reconheceu o legado de Joaquim Manuel de Macedo na literatura brasileira do século XIX.

Referências Bibliográficas

- [1] AMORA, A. Soares. *A literatura brasileira: o romantismo*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- [2] ANTONIO CANDIDO. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia editora nacional, 1965.
- [3] _____. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada, 1997.
- [4] _____. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- [5] BARTHES, R.. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- [6] BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1974.
- [7] ECO, U. *Pós-Escrito a O Nome da Rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985
- [8] _____. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: editora Perspectiva, 1993.
- [9] GENETTE, G. *Seuils*. Paris: Seuil, 1987.
- [10] LAJOLO, M. & ZILBERMAN, R. *A Formação da leitura no Brasil*. São Paulo: editora Ática, 1996.
- [11] MACEDO, Joaquim Manuel de. *Memórias da rua do ouvidor*. Brasília: UnB, 1988.
- [12] _____. *A Carteira de Meu Tio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- [13] _____. *A Luneta Mágica*. São Paulo: Ática, 2002.
- [14] MACHADO DE ASSIS. “O culto do dever por J. M. de Macedo” in *Crítica literária*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: Propriedade literária de W. M. Jackson inc. , editores, 1944.
- [15] MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- [16] SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Joaquim Manuel de Macedo ou os dois Macedos: A Luneta Mágica do II Reinado*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.
- [17] SODRÉ, Nelson. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- [18] VERÍSSIMO, José. *Últimos estudos de literatura brasileira*. São Paulo: Edusp, 1979.

Autora

¹ **Ana Luiza REIS BEDÊ, Profa. Dra.**
Universidade de São Paulo (USP)
E-mail: lulibede@uol.com.br